

comunicação, jornalismo e
espaço público na era digital

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 15 • 2015

ALEXANDER, Bryan - *The New Digital Storytelling. Creating Narratives with New Media*. Oxford: Praeger, 2011. 296 p.

As histórias fazem parte do ADN da humanidade: desde que existem sociedades humanas, existem narrativas que as agregam e lhes conferem sentido, consolidando e projetando as suas identidades. Já Ricoeur assinalara que “existe entre a atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural”¹ e, antes dele, Roland Barthes insistira na dimensão transversal e atemporal da narrativa, como principal atividade da comunicação humana².

Desde pelo menos a década de 60 do século passado, o interesse pelo estudo das narrativas, fundamentalmente cultivado por estruturalistas franceses sobejamente conhecidos (Barthes, Greimas, Bremond), desencadeou o crescimento epistemológico de uma disciplina que há muito vivia à sombra dos estudos literários. O prenúncio desta abertura foi dado precisamente pelo número 8 da Revista *Communications*, onde se publicaram alguns ensaios sobre narrativas diversas³, que tiveram o mérito de chamar a atenção para a crescente importância de narrativas, que não as grandes narrativas literárias, cada vez mais poderosas e disseminadas, que mereciam um olhar académico atento: o cinema, a publicidade, a imprensa.

¹ Ricoeur, Paul - *Temps et récit*, I, Paris: Seuil, 1987, p. 85.

² Cf. Barthes, Roland - “Introduction à l’Analyse Structurale des récits”. *Communications*, N.º8, 1966.

³ Referimo-nos aos artigos de Greimas (sobre a narrativa mítica), de Umberto Eco (sobre James Bond), de Jules Gritti (sobre a cobertura da imprensa francesa à morte de João XXIII).

Hoje, na segunda década do século XXI, a presença da narrativa nas nossas vidas é constante e tão natural que nem nos apercebemos dela: “Our tendency to see and explain the world in common narratives is so deeply ingrained that we often don’t notice it—even when we’ve written the words ourselves”, comenta Daniel Pink⁴. Contudo, precisamente porque o mundo está em constante evolução e, com ele, as tecnologias evoluem, a atividade de contar histórias alterou-se, transformou-se e espraiou-se por diversas plataformas e novos *media*, desencadeando novas formas de perceção, de leitura e de consumo.

Este é precisamente o tema do livro que Bryan Alexander publicou em Oxford, em 2011 - *The New Digital Storytelling. Creating Narratives with New Media* – que parte de uma premissa fundamental: a de que o ser humano sempre usou os *media* que se foram sucedendo para contar as suas histórias, desde as paredes das Grutas de Lascaux, até às novas plataformas online, passando pelos jornais, pela rádio, pela televisão, adaptando formatos, reinventando estruturas comunicacionais, recorrendo a novas linguagens.

Assim, admitindo esta premissa como válida – o que aliás é insistentemente sublinhado por autores dos Estudos Narrativos (Helen Fulton, David Herman, Marie-Laure Ryan) – a narrativa é o modo discursivo e o tipo textual através do qual organizamos o mundo, geramos imagens do real, articulamos e lemos a sua complexidade, produzindo crenças sociais, ditando normas de conduta, disseminando estereótipos e fornecendo imagens dos outros. Podemos mesmo afirmar, em

⁴ In: PINK, Daniel - *Pink, A Whole New Mind: Why Right-Brainers Will Rule the Future*. New York: Riverhead, 2005.

consonância com alguns autores, que o mundo a que temos acesso se constrói necessariamente de acordo com certos princípios narrativos, pois que o nosso pensamento, as nossas estruturas mentais e o nosso conhecimento se processam por meio da narrativa.

A principal ideia de força defendida por Bryan Alexander na obra em apreço é precisamente a de que os novos meios digitais permitem incrementar formas e lógicas narrativas novas, tornando as histórias mais criativas e disseminadas. Organizado em quatro partes, com quinze capítulos no total, esta obra tem um duplo objetivo -pedagógico e prático - enunciado com muita clareza na introdução, em que se elege como público preferencial todos aqueles que queiram aprender a contar histórias, explorando as possibilidades abertas pelas novas tecnologias digitais. Aliás, a última parte, intitulada “Construindo a sua história”, é pensada sob a forma de manual, com o intuito de ensinar a planejar, recolher dados, organizar e construir uma narrativa digital, usufruindo dos benefícios de diferentes formatos, desde webvídeos, a wikis, blogs, podcasts, redes sociais, etc.

Neste sentido, esta é uma obra com uma matriz mais prática e um objetivo muito pragmático, o que explica a advertência inicial do autor no sentido de não ter sido sua intenção aprofundar ou problematizar questões do domínio teórico, embora estas estejam necessariamente subjacentes à enunciação de muitas das problemáticas expostas. Apesar de esta declaração ter sido clara, não podemos deixar de sublinhar, contudo, uma lacuna considerável relativamente a uma questão que consideramos incontornável para quem ensaia uma abordagem ao funcionamento das narrativas da contemporaneidade: trata-se de saber até que ponto o *medium* pelo qual a narrativa é veiculada influencia

ou determina a sua lógica, problemática bastante antiga e que está longe de reunir consensos, como bem explicam Marie-Laure Ryan⁵ ou David-Herman⁶. Ainda que a complexidade desta questão não se compagine com o caráter mais funcional da obra de Bryan Alexander, parece-nos que ela deveria ter sido equacionada, nomeadamente no capítulo introdutório, dado que se nos afigura essencial para uma completa definição do que se entende por uma *nova narrativa*.

Inclusive, nessa parte introdutória, em que o autor tenta circunscrever e definir conceitos, é feita uma síntese geral à teoria da narrativa, com especial enfoque em autores anglossaxónicos. Através dela, percebe-se que existem um conjunto de propriedades inerentes à narrativa *tout court*, independentemente do *medium* que a comporta e veicula, nomeadamente a importância da personagem como forma de cativar o leitor, levando-o à imersão na história.

Ao longo da estrutura desta obra, o leitor é convidado a fazer uma viagem pela atividade do “digital storytelling”, conceito aparentemente paradoxal, uma vez que o digital remete para um somatório de dados desprovidos de sentido e, ao contrário, uma história é sempre uma construção de sentido, um modo de organização, de seleção e composição e, finalmente, de representação do tempo, do espaço e das ações, sejam estes factuais ou ficcionais. Contudo, é precisamente o digital que proporciona, segundo o autor, novas formas de contar histórias, renovando as

⁵ Cf. Ryan, Marie-Laure – “Narrative in various media”. In: Hung, Peter et al. (Eds.) – *Handbook of Narratology*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2009: pp. 263-281.

⁶ Cf. Herman, David – “Toward a Transmedial Narratology”. In: Ryan, Marie-Laure (Ed.) – *Narrative Across Media*. 2004

narrativas e tornando-as mais próximas do perfil dos públicos do século XXI. Se, na contemporaneidade, a maioria das comunidades – leia-se comunidades do mundo ocidental de países desenvolvidos – consome narrativas através da web, parece ser fundamental, por um lado, compreender como se processa esse consumo e, por outro lado, ensinar a construir e, por conseguinte, a ler estas *novas* narrativas.

A génese destes novos formatos dá-se ainda no século XX, na última década da Guerra Fria, em que o próprio conceito de texto é redimensionado e substituído pelo de hipertexto, como o autor explica num capítulo essencialmente de revisão bibliográfica, sobre “A primeira vaga do *digital storytelling*”. A hipertextualidade, que é fortemente potenciada umas décadas mais tarde, pelo advento da web, arrastou consigo um conjunto de características que revolucionaram completamente o modo de ler e de escrever: abertura textual, multiplicidade de linguagens, exigindo uma postura proativa do leitor, também ele responsável pela construção da história.

Esta nova textualidade narrativa é, segundo o autor, redimensionada, com a entrada na primeira década deste século, através do crescimento da web 2.0, ou a “segunda web” como lhe chama. Esta explora sobretudo três tendências que são as responsáveis por aquilo que Bryan Alexander considera serem as novas narrativas do século XXI: i) a aposta nos microconteúdos, de que os blogs ou os wikis são bons exemplos, com software a custo zero; ii) a multiplicação constante e veloz de novas plataformas; iii) a nova “arquitetura social”, que possibilita a interação, a multiplicação de canais de comunicação, incrementando uma relação de proximidade entre os autores/ criadores e os leitores.

Exemplos destas novas narrativas são analisados circunstanciadamente na obra, desde as narrativas de bloggers, às redes sociais, passando pelos Web vídeo, podcasts, blogging, Twitter, Facebook, wikis e também pelos jogos de computador, análises sempre acompanhadas de exemplos concretos.

Doutorado em Língua e Literatura e um apaixonado por novas tecnologias, trabalhou até 2014 no National Institute for Technology in Liberal Education, uma organização Americana, sem fins lucrativos, que tenta introduzir pequenas universidades e Escolas Secundárias no domínio do digital. Esta formação dual do autor está bem espelhada na obra que agora se apresenta, em que o domínio de conceitos da literatura e dos estudos narrativos se articula com um saber e, sobretudo, um saber fazer no domínio das tecnologias. Daí que, na última parte do livro, o autor dê especial atenção à utilização das narrativas digitais na educação, considerando-as estratégias de ensino adequadas à nova geração de nativos digitais.

Uma particularidade curiosa da construção de *The New Digital Storytelling. Creating Narratives with New Media* reside no facto de ela mesma ter sido composta, em parte, com o recurso a opiniões e sugestões de leitores via Twitter, rede social onde o autor partilhou partes do livro, explorando assim uma das potencialidades – possivelmente a mais decisiva – das novas narrativas: a interatividade.

Ana Teresa Peixinho

Professora Auxiliar da FLUC

Investigadora Integrada do CEIS20

Email: apeixinho71@gmail.com

http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_15_13